

**REPRESENTAÇÕES DE UMA CIDADE:  
OS CORDEÍIS DE FRANCISCO BARBOZA LEITE E AS CRÔNICAS DE SILBERT DOS SANTOS LEMOS**

*Tania Maria da Silva Amaro de Almeida* (UNIGRANRIO)

[tania.amaro@unigranrio.br](mailto:tania.amaro@unigranrio.br)

*Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima* (UNIGRANRIO)

[jpineiro@unigranrio.edu.br](mailto:jpineiro@unigranrio.edu.br)

**RESUMO**

A proposta deste estudo é analisar a historicidade do município de Duque de Caxias a partir das fontes literárias de Francisco Barboza Leite e Silbert dos Santos Lemos, que escreveram na e sobre a cidade em sua própria contemporaneidade. Buscamos refletir acerca das concepções de cidade esboçadas por ambos, apoiando nossa pesquisa em Chalhoub & Pereira (1998), Chartier (1990), Duby (1995), Halbwachs (1990), Le Goff (1996), Nora (1995), Pesavento (2006), Braz & Almeida (2010), Almeida (2014) e Souza (2014). Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa é de natureza qualitativa, cujo destaque se dá sobre os métodos de interpretação de texto. A hermenêutica incide no discurso e nas formas de representações literárias que se referem à cidade; além disso, o método comparativo contrapõe as representações da cidade em estilos diferentes, como a prosa de Santos Lemos e a poética de Barboza Leite. Nesse sentido, a investigação se propõe a analisar as representações da cidade explicitadas nas obras desses dois autores, de forma a identificar e discutir as questões em jogo numa determinada temporalidade, ao expressar formas diversas de pensar, sentir, imaginar, representar, pois com seus textos, percebemos a complexidade de uma cidade que constrói suas próprias interpretações a partir de sua produção literária, revelando suas sensibilidades na percepção e representação da realidade.

**Palavras-chave:** Memória. Representações. Duque de Caxias.

**1. Apresentação**

O presente estudo tem como objetivo principal refletir sobre a historicidade do município de Duque de Caxias a partir das fontes literárias de Francisco Barboza Leite e Silbert dos Santos Lemos, que escreveram na e sobre a cidade em sua própria contemporaneidade.

É no sentido de contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a história do município de Duque de Caxias, que decorre, pois, este artigo. Contemplando a aproximação entre história e literatura, ao se apropriar da obra literária “...como um problema histórico a ser explorado e analisado” (CHALHOUB & PEREIRA, 1998, p. 7), preten-

de-se tomar como objeto de estudo a questão das representações da cidade no âmbito da poética e literatura de Francisco Barboza Leite e na prosa e crônica de Silbert dos Santos Lemos.

Seria possível problematizar a história na literatura de um determinado tempo? Palavras, expressões ou estilos de escrita encontrados em um determinado documento só começam a adquirir sentido se não se quer cometer anacronismos, quando colocadas em seus contextos próprios de produção e circulação. Citando Roger Chartier:

Mas há uma [...] maneira talvez mais inesperada de considerar a relação entre literatura e história. [...] em alguns textos literários [há] uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético. Semelhantes textos que fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção, obrigam os historiadores a pensar de outra maneira as categorias fundamentais que caracterizam a “instituição literária”. [...] é preciso ter distanciamento [...] para compreender quais foram as razões da produção, as modalidades das realizações e as formas das apropriações das obras do passado. E também é preciso compreender em sua própria historicidade e instabilidade. (CHARTIER, 2000, p. 197)

Assim, ao aproximarmos a história e a literatura, vislumbramos ser possível ao historiador participar da averiguação daquilo que motivou os produtores das narrativas a fazê-las, quais são as memórias do tempo que estão ali presentes. É nesse caminho interdisciplinar que pretendemos conduzir nossa abordagem, possibilitando o diálogo da história com outras áreas da produção do conhecimento científico, principalmente a literatura, para pensarmos as concepções sobre a cidade de Duque de Caxias delineadas por autores que escreveram na e sobre a sua própria contemporaneidade.

## **2. As fontes**

Ao analisar a trajetória de Francisco Barboza Leite, percebemos sua atuação como um artista múltiplo. Nascido em Uruoca, no Ceará, saiu de sua terra natal em 1936, indo para Fortaleza em busca de garantia do sustento e continuidade dos estudos.

Retocador de fotografias, desenhista, pintor, poeta, escritor, ilustrador, técnico de recursos audiovisuais, compositor, cordelista, entre outras tantas experiências (TORRES, 2015, p. 217-225), Barboza Leite chegou a Duque de Caxias em 1952. Era amigo de Solano Trindade, com quem trabalhava no IBGE e que o trouxe para a cidade, onde colaborou intensamente nos campos da cultura e educação, entre as décadas de

1950 e 1990.

Nessa mesma época, encontramos Silbert dos Santos Lemos, ex-repórter de polícia, colunista social e delegado, que relatou em seus escritos, o submundo duquecaxiense, contextualizando a cidade a partir do jogo, prostituição e violência, demarcada sob o viés da marginalidade e poder político. (ALMEIDA, 2014, p. 33)

Santos Lemos nasceu no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, no dia 19 de agosto de 1928, e faleceu em Duque de Caxias no mês de outubro de 1987. Havia chegado a Duque de Caxias no ano de 1953, para substituir o repórter policial Barreira como correspondente de jornais do Rio de Janeiro, *A Notícia* e *O Dia*. Permanecendo na cidade, exerceu os cargos de escrivão e delegado, após formar-se em Direito.

Ambos os autores viveram em Duque de Caxias entre as décadas de 1950 e 1990 e suas obras são muito significativas, pois nos trazem a possibilidade de percepção do cotidiano da cidade, ainda que sejam escritas de estilos diferentes: a prosa de Lemos e a poética de Leite. Assim, afirmamos com Georges Duby que

(...) é necessário descobrir os termos reveladores, e mais que as palavras, as apresentações, as metáforas e a maneira pela qual os vocábulos se acham associados; aqui reflete-se inconscientemente a imagem que tal grupo, num dado momento, tem de si próprio e dos outros. (DUBY, 1995, p. 136)

Os escritos de Barboza Leite e Santos Lemos revelam representações da cidade, com destaque para o tipo de imagem que os autores criaram, sendo possível reconstruir interpretações que os colocam nos cenários e entre os sujeitos com os quais conviveram. A partir dessa questão, vislumbramos nas obras desses autores a memória bastante presente e, a partir de Maurice Halbwachs, cuja abordagem versa sobre a questão de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, visto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, afirmamos que a história começa justamente onde a memória acaba e a memória acaba quando não tem mais como suporte um grupo. A memória é sempre vivida, física ou afetivamente. No instante em que o grupo desaparece, a única forma de salvar as lembranças “é fixá-las por escrito em uma narrativa uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”. (HALBWACHS, 1990, p. 8)

Ao estudar as relações da história e dos olhares dessa produção literária sobre a região, desdobrando de que forma Leite e Lemos enxergaram a sua cidade, imaginamos construir explicações que nos permitam

ampliar o conhecimento sobre o passado, pois o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições.

Podemos, assim, criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica.

Mas quem era esse Barboza Leite, discretamente desdenhado por nossos acadêmicos, mestres e doutores? Barboza Leite foi (e continua sendo) a figura mais expressiva da intelectualidade caxiense. Sem panfletarismos [*sic*], sectarismos ou atitudes demagógicas – coisas tão bem-vindas aos nossos intelectuais e militantes políticos – conseguiu dobrar habilmente os donos do poder e impor muitos dos seus projetos educacionais e culturais. (TORRES, 2015, p. 217-218)

Conforme descreve Torres, Barboza Leite percebia a cidade de Duque de Caxias como um microcosmo cultural miscigenado, criado em função da sua população emigrante. (TORRES, 2015, p. 222)

De outro lado, temos Silbert dos Santos Lemos. O estilo jornalístico direto e o caráter testemunhal de seus textos, já que o autor, como jornalista policial, conviveu com esses protagonistas e com “o ambiente asqueroso que chegou a transformá-lo num alcoólatra” (LEMONS, 1967, p. 10), permitem-nos perceber, com clareza, os limites por onde os moradores lutavam para sobreviver e como essas experiências coletivas construía e operavam um segmento social marcado pela miséria, pelo vício e pela violência.

Santos Lemos, apesar de seus dramas pessoais, manteve serenidade suficiente para construir uma obra literária rica em informações, curiosa e de denúncia das mazelas sociais. Sua posição em nossas letras é ímpar. Através dos livros que publicou, com os próprios recursos, desfilam tipos humanos que povoam as páginas policiais. São anti-heróis (tornados heróis na poesia “Santo Verdade”, de Newton Menezes) de carne e osso, com registro de batismo e – algumas vezes – endereço conhecido. (TORRES, 2015, p. 214-215)

Pensar as contribuições desses dois autores, a fim de perceber as representações sobre o município de Duque de Caxias, faz com que observemos seus diferentes olhares sobre a cidade. A partir das reflexões de Sandra Jatáhy Pesavento, entendermos a literatura de ambos como um convite para a reflexão sobre a historicidade do município, como representações da cidade que nos possibilitam identificar e discutir as questões em jogo numa determinada temporalidade, ao expressar formas diversas de pensar, sentir, imaginar, representar. (PESAVENTO, 2006, p. 22-23)

Para a reconstrução de nossa historicidade, essas obras são fontes

literárias relevantes, produtoras de sentidos para a história local e regional, como testemunhos de nosso legado histórico.

### **3. A cidade representada**

Ao escolhermos as obras de Barboza Leite e Santos Lemos para refletir acerca da historicidade do município de Duque de Caxias, identificamos nas mesmas a possibilidade de (re)construção de uma realidade social, que pode ser pensada e lida nos escritos destes autores. A percepção que Leite e Lemos fazem do cotidiano é produtora de estratégias e práticas que justificam e legitimam as escolhas e condutas de suas personagens.

Nesse sentido, nos identificamos com as proposições de Roger Chartier quando afirma que as representações permitem avaliar o ser percebido que um indivíduo ou grupo constroem e propõem para si mesmos e para os outros. O conceito de representação em Chartier se apresenta como alternativa de compreensão do social e cultural da realidade via representação, o real como sentido, recebe sentido, é representado, pois “a *representação* que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social”. (CHARTIER, 2002, p. 177)

Buscamos, ainda, as contribuições de Pierre Nora acerca das discussões sobre memória e história, quando pensamos que a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais e a memória apoia-se sobre o “passado vivido”, o que permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural. Essa narrativa incorporada à literatura é um convite para a reflexão sobre o passado, pois ali podemos perceber a complexidade do cotidiano e, no nosso estudo, a problemática de uma cidade que, inserida na região da Baixada, tenta construir suas próprias interpretações.

Ao estudar as relações da história e dos olhares da produção literária sobre a região, desdobrando de que forma os autores enxergam a sua cidade, imaginamos construir explicações que nos permitam ampliar o conhecimento sobre o passado, de forma que tenhamos novas concepções para as relações sociais de nosso presente. Reafirmando com Nora, a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais:

A história, porque operação intelectual e laicizante demanda análise e dis-

curso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém. (NORA, 1981, p. 9)

Em suas obras, Barboza Leite e Santos Lemos abrem espaço para o discurso da realidade social, contando, a seu modo, a história da cidade, lançando seus olhares sobre sua contemporaneidade, fazendo com que suas personagens reais possam ser lidas e interpretadas, a fim de decifrar o seu espaço, que é a cidade.

As representações desses autores espelham ideias e concepções que refletem relações, interesses e mecanismos pelos quais grupos tentam impor a sua concepção do mundo social, os seus valores e o seu domínio (CHARTIER, 2002). Se por um lado, Francisco Barboza Leite foi o emigrante que chegou a Caxias e com sua arte foi capaz de reintroduzir a imaginação e a linguagem ao espaço, lançando seu olhar à cidade sob uma nova ótica, atribuindo a ela significado e absorvendo-a, sendo por ela absorvido, tornando-se cidadão; por outro lado, nas obras de Santos Lemos, observamos uma cidade contada a partir da transgressão, de um olhar sobre a realidade vivida, sem a cumplicidade que se abriga no olhar cúmplice da arte.

Em muitos momentos, Lemos escandalizou a pequena burguesia provinciana da Caxias de antigamente. Em sua literatura se escancaravam as portas de uma galeria que exibia tipos que a sociedade evita dar voz: prostitutas, bicheiros, malandros e marginais de todos os tipos. (TORRES, 2011, p. 56)

A terra de Lima e Silva é e sempre foi um pedaço do Nordeste, com 60% de sua população constituída de nordestinos ou deles descendentes, que para a fronteira da então Capital da República se deslocavam em busca de melhores dias. E não vieram para o sul, é justo que se diga, homens cultos, conservadores de bons princípios, de formação moral digna. Vieram, em sua maioria, exatamente os menos favorecidos pela sorte, pobres, analfabetos, fugidos das terras secas e rachadas, inclusive, muitos deles, da própria Justiça. A cidade crescia graças à iniciativa particular, à falta de fiscalização, ao lenocínio, à contravenção, à liberdade de vender geladeira até nas calçadas das ruas, ou de aumentar o preço do cafezinho (...). Bastava os jornais noticiarem que se cogitava de um aumento (...). (LEMOS, 1967, p. 106)

Ao analisarmos as diferentes impressões sobre a cidade nas obras dos autores aqui estudados, percebemos as acomodações e contrastes que o cotidiano urbano moldou em cada um desses autores.

Santos Lemos evidencia uma ausência do Estado no município, que crescia apoiado em iniciativas particulares, na falta de fiscalização, no lenocínio e na contravenção. Ainda, chamava Duque de Caxias de “cidade aberta”, onde prevalecia a corrupção, a prostituição, o jogo do bicho, a maconha, a discriminação racial e a violência policial, que se manifestava nas torturas e extermínio de presos, principalmente de negros; ainda, os esquemas ilegais de acumulação, sendo um espaço livre do controle policial e envolvendo o poder político através da cumplicidade, com a qual as autoridades municipais lidavam com essas questões.

Para além da vida nos bairros populares ou privilegiados e por entre o convívio dos demais segmentos que os desprezavam ou temiam, desenvolvia-se o mundo da bandidagem, da prostituição, do jogo e dos vícios que se esgueiravam nas ruas do centro, do Gramacho, de Santa Cruz da Serra, cuidando da sobrevivência com as estratégias adequadas às experiências que sofriam e produziam. (BRAZ & ALMEIDA, 2010, p. 106)

De outra forma, Barboza Leite faz uma exaltação às belezas naturais e a um esforço de construção da cidade, pautado no trabalho de seu povo, tal como podemos verificar em *Exaltação à Cidade de Duque de Caxias*, composição do autor – letra e música –, com os arranjos sinfônicos do maestro Clóvis Ferreira Lima, e que se tornou o hino do município, através da Lei n. 1616, de 28 de dezembro de 2001, de autoria do vereador Laury Villar. O hino foi executado pela primeira vez no encontro de trabalhadores do município, na década de 1960, no SESI de Duque de Caxias. Apesar de ser tocado em vários eventos públicos, o hino só passou a ser oficial depois de mais de 40 anos.

Todo arvoredo é uma festa  
de pardais acordando a cidade.  
Toda a cidade é uma festa de metais  
em inesperada atividade.  
Caxias, ecoam clarins sobre tuas colinas;  
o sol é uma oferta de cores sobre tuas campinas.

Quando mal adormeces já estás levantada:  
És do trabalho a namorada.  
Tuas fábricas se contam às centenas.  
Um grande povo teu nome enaltece,  
Construindo riqueza, inspirando beleza  
Que ao Brasil oferece  
Nesta baixada onde Caxias nasceu,  
O progresso é o lema que o trabalho escolheu.

De plagas distantes, deste e de outros países,  
São os teus povoadores,  
Toda essa gente no esforço viril,  
de fazer do teu nome um pendão do Brasil. (LEITE, 2011, p. 2)

Para MarluCIA Santos de Souza, Barboza Leite através de seu hino, pensa a cidade como uma orquestra ordenada, hierárquica e harmoniosa: “as belezas produzidas pelo trabalho deveriam ser controladas pelo Estado ou pelo capital privado nacional (...) o lugar da cidade de Caxias está dado (...) o progresso chegaria [pelo] trabalho”. (SOUZA, 2014, p. 111)

A trajetória de Barboza Leite tomou consistência em sua obra, ao delinear seus projetos, ao fazer da cidade de Duque de Caxias um tema importante a ser discutido, significado, representado. Mesmo não sendo um conhecedor dos princípios acadêmicos, conseguiu representar a cidade, seus habitantes, seu espaço, em letras, tintas e versos, com propriedade que possibilita a todos que se debruçam sobre sua obra, (re)conhecer este espaço vivenciado e vivido pelo artista,

Quando chegou a Duque de Caxias, a cidade era pouco mais que uma estação de trens maria-fumaça, cercada de casas humildes em ruas sem calçamento, esgoto e água encanada. Entretanto, tinha algo que encantava aquele cearense do sertão: uma população emigrada que criara um verdadeiro microcosmo cultural miscigenado. Em Caxias, Barboza se sentia em “casa”, pois tinha o seu “sertãozinho” a poucos quilômetros da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. (TORRES, 2015, p. 221-222)

Francisco Barboza Leite integra sua obra ao conhecimento *in loco* que adquire, vivenciando a formação do espaço, da história em permanente construção. No cordel *A Verdadeira História de Duque de Caxias*, o poeta revela sua convicção de que é necessário mudar a visão que se tem da mesma.

Vou falar de uma cidade  
da Baixada Fluminense  
que ganhou notoriedade  
que ao meu sentir não convence  
- preciso é que se repense  
- no que sobre ela foi dito  
em tanto papel mal escrito  
que a imprensa divulgava  
e, de tal modo criava  
a noção falsa de um mito.

A cidade é muito nova  
mas cresce muito depressa  
digo e ofereço a prova  
que é o que me interessa  
para que o valor meça  
de uma terra em expansão  
formada sem previsão  
guiada mas pelo senso



de um proveito assaz imenso  
fruto espontâneo do chão.

[...]  
Colonos aqui chegavam  
vindos do estrangeiro  
nordestinos que emigravam  
aqui paravam primeiro  
a terra virou celeiro  
que a todos aceitava  
a ninguém discriminava  
para o progresso ajudar  
e a cidade prosperar  
era o que interessava.

(LEITE, 1984, p. 1-6)

No cordel *A Grande Feira de Duque de Caxias*, Leite revela os aspectos culturais e identitários da cidade, que o deixem impressionado. Quem, ao ler esse cordel não reconhece as curvas que esta faz ao longo da avenida? Os sabores e dissabores da feira?

Não se trata de pessoa  
nem visagem ou pensamento,  
a minha estória é boa  
descreve um acontecimento  
grande e feliz evento  
como tal considerado  
muitas vezes relatados,  
favorece a economia  
contribui para a alegria  
do pobre ao remediado.

Trata-se de feira afamada  
que acontece em Caxias,  
igual não há na baixada  
com tantas mercadorias  
faianças ou prataria  
em grande variedade  
espantosa quantidade  
de tudo que se imagine  
minha pena não define  
toda sua enormidade

Uns pontos quero marcar  
de graça tão evidente,  
basta você esperar  
daí há pouco presente...

[...]  
E, muitos tipos iguais  
ao que foi comentado  
são figuras colossais

que me deixam impressionado  
e, ainda mais, interessado  
em advertir ao leitor  
como deles o valor  
está na grande humildade,  
e nós pagamos com piedade  
o que eles nos dão por amor.

[...]  
A feira é um panorama  
de efeito gigantesco  
feitos de sonhos e dramas  
tangenciando o dantesco.  
também nela o grotesco  
se alia ao maravilhoso

(LEITE, 1984, p. 3-8)

A grande feira de Duque de Caxias simbolizava a união do passado nordestino ao presente duquecaxiense do poeta, era lugar de projeção da cultura nordestina na Baixada Fluminense.

A obra de Barboza Leite interliga-se ao seu conhecimento do espaço por ele vivido, representando-o de forma que possa haver interação, integração e reconhecimento que o leitor faz de si e do espaço apresentado pelo autor. Longe de estar alheio aos problemas sociais, Barboza Leite procurava expressá-los através da forma poética de sua arte.

De forma oposta, nas obras de Santos Lemos, verificamos o tom denunciador, provocador de tratar a cidade. A cidade vivida foi representada por Lemos de várias formas, mas sempre relacionadas à violência:

Não é de hoje que Caxias sofre de má fama. E quase ninguém mais se lembra que ela serviu de berço ao Patrono do Exército Brasileiro [...] Caxias era lugar de crimes, de capangismo – do tiroteio, da morte atrás do toco. De despolicamento. De preso que sumia do xadrez e que não aparecia morto ou vivo em lugar nenhum. A cidade era de ninguém. *Ser de Caxias, estar em Caxias, vir de Caxias* [...] tudo que se ligasse a ela, era motivo de *ironia* [...] Em Caxias, a lei era a da pancada, nem sempre nas costas certas. [...] As autoridades locais, estaduais, federais, nada faziam [...] voltavam os jornais a difamar a cidade, chamando-a de Coréia.

[...]

Quem chegasse a Caxias, nos idos de 53 a 58, descia na Estação Ferroviária da Leopoldina ou na Praça do Pacificador, mesmo quando era mato puro, convicto que estava correndo perigo, pois a qualquer momento podia romper um tiroteio e o povo sair correndo, desabalado de terror, sem saber direito para onde. (LEMOS, 1967, p. 106-107)

A cidade que abrigava, em seus espaços, os pontos de encontro

para prosa de companheiros, a exemplo da Praça do Pacificador, revelam diferentes discursos em sua leitura. Essa cidade era também delimitada pelos pontos de poder que demarcavam o jogo político.

Caxias era – e é – dividida ao meio pela linha férrea. Do lado direito, ficava o ‘Ponto de Briga’ na Vila São Luís. A casa do prefeito, erguida no alto de um morro, [...] curiosa. Deste lado, estava o mais novo bairro da cidade – 25 de agosto – onde as construções eram numerosas e se faziam com grande rapidez. Do outro lado, estava a Delegacia, o 311, bem próximo à residência do Deputado Tenório, construção frágil demais para merecer o título de ‘Fortaleza’ que lhe deram. Deste lado, já se encontravam o Cemitério do Corte Oito, a Praça do Pacificador, a Praça 23 de Outubro, a Praça da Estação, além da Matriz Santo Antônio, com sua linda e branca fachada, na rua José Alvarenga, do lado direito de quem entra na Av. Nilo Peçanha. Ficava a Prefeitura na Av. Rio-Petrópolis, em frente a um bordel [...]. Na Av. Nilo Peçanha, situava-se o maior comércio da cidade, com exceção do da Travessa Manoel Correa [...] sempre movimentada e cheia de gente. (LEMOS, 1967)

Analisar o que foi escrito por Barboza Leite e Santos Lemos, nos remete à observação da cidade que existe nos discursos tanto quanto em seus espaços concretos, o cotidiano dos indivíduos que interagem e se integram à cidade.

No discurso de cada um, tanto de Barboza Leite, quanto de Santos Lemos, evidenciam-se personagens que ajudam a construir a cidade, são sujeitos que constroem e dão força a memórias e identidades. São personagens reais, que respiram, vivem e sentem a cidade em si; que sofrem as ações, refletem e criam representações da cidade.

Na literatura de Santos Lemos, escancaravam-se as portas de uma galeria que exibia tipos que a sociedade evita dar voz: prostitutas, bicheiros, malandros e marginais de todos os tipos. (ALMEIDA, 2014, p. 98)

É fato que Santos Lemos vivenciou, sofreu e, por fim, participou. Nas suas memórias, está a crítica à repressão, mas da mesma forma, o relato de quem se inseriu na mesma. Na obra *Os Donos da Cidade*, o jornalista comenta acerca de um fato que o fez participar de um dos crimes cometidos pelos investigadores da Delegacia 311.

Mas havia um grave inconveniente: aquele maldito repórter que parecia não gostar de ninguém, ter ódio no coração, não se podia nem dar um tapa num preso, principalmente se fosse preto, que ele estampava nos jornais em que trabalhava. Quanto mais matar... Um investigador mais esperto resolveu o problema: o jeito era levá-lo também naquela viagem às plagas longínquas dos rincões caxienses, em que só os policiais é que voltavam. (...) Fazê-lo matar também. Isto calaria a sua boca, quebraria sua pena, escangalharia sua máquina de escrever. (...) O jornalista, sentindo repugnância, fez pontaria para a testa (...). O derradeiro disparo ecoou pela escuridão da noite. (LEMOS, 1980, p.

Evidencia-se uma interação entre as lembranças de Santos Lemos com a sociedade duquecaxiense e com os grupos dos quais fez parte. Na Duque de Caxias de seu tempo, alguns jornais que existiram, nasceram e viveram às custas das reportagens sobre crimes que ali aconteceram (ALMEIDA, 2014, p. 106). Silbert Santos Lemos conheceu e trilhou a fundo os caminhos do submundo duquecaxiense e testemunhou inúmeros fatos na “Caxias City” que tentou entender.

Miséria e prosperidade são as duas faces que representavam a cidade de Duque de Caxias. De acordo com Lemos, “se o lema de nossa bandeira era ordem e progresso, o de Caxias era desordem e progresso” (LEMOS, 1980, p. 26). Uma periferia onde as disputas pelo poder recorriam à coerção e aos desmandos da classe dominante, refletindo-se nos segmentos da população marcada pela miséria e violência.

Diferente de Santos Lemos, Barboza Leite utiliza-se da arte, da poesia. Porém, apesar do romantismo contido em suas palavras, o autor não está alheio à realidade.

Mas, outras instâncias se entremeiam  
em tintas e planos adversos e insólitos.  
E, por que excusar-se o verso de afrontá-los  
- se a vergonha é de todos e a coragem é de poucos.  
até que se enuncie, dos valores aflitos,  
o grito que anule tamanhos absurdos?  
[...]  
São espaços mutilados, como bocas assustadas,  
e como nódoas que irrompem num rosto angustiado.  
[...]  
Ali a vida sobrevive de milagres e desintegra-se,  
a alma humana, como expungida das graças vitais,  
expungida dos favores divinos; expungindo o homem  
ou discriminado, o ser, de seus direitos naturais?

(LEITE, 1986, p. 13)

Duque de Caxias, como objeto de pesquisa e personagem das páginas de nossos autores, revela-se com possibilidades variadas de leitura da realidade social e das disputas políticas operadas na localidade, o panorama social, a discriminação sofrida pela população marginalizada e as práticas violentas e corruptas do poder constituído.

Ambos os autores são contemporâneos em uma cidade que fervilha disputas e tensões, moldada pela ação de diferentes sujeitos históricos. Seus escritos resultam de suas experiências do vivido; ainda que,

com diferentes sensibilidades na apreensão e representação da realidade, interligam-se por letras que revelam o cotidiano da cidade, abrindo caminhos para diálogos com redes de relações sociais, aproximando a sociedade de seus espaços de poder, mas também utilizando a arte e cultura como meio de transformação social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Tania Maria da Silva Amaro de. História e Memória: Santos Lemos e as representações sobre a cidade de Duque de Caxias. *Revista Magistro*, vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro: UNIGRANRIO, p. 75-94, 2011. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1276/743>>. Acesso em: 13-12-2015.

\_\_\_\_\_. *Olhares sobre uma cidade refletida: memória e representações de Santos Lemos sobre Duque de Caxias (1950-1980)*. 2012. Dissertação (de Mestrado). – UNIGRANRIO, Duque de Caxias.

\_\_\_\_\_. *Olhares sobre uma cidade refletida: memória e representações de Santos Lemos sobre Duque de Caxias (1950-1980)*. Duque de Caxias: ASAMIH, 2014.

BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria Amaro de. *De Merity a Duque de Caxias: encontro com a história da cidade*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2010.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Portugal: DIFEL, 2002.

DUBY, Georges. História social e ideologias das sociedades. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LEITE, Francisco Barboza. *A grande feira de Duque de Caxias*. Cordel. Duque de Caxias: Edição do Autor, 1984.

\_\_\_\_\_. *A verdadeira história de Duque de Caxias*. Cordel. Duque de Caxias: Edição do Autor, 1984.

\_\_\_\_\_. *Exaltação à cidade de Duque de Caxias*. Cordel. Duque de Caxias: Edição do Autor, 1984.

as: Edição do Autor, 2011.

\_\_\_\_\_. *Trilhas roteiros e legendas de uma cidade chamada Duque de Caxias*. Duque de Caxias: Consórcio de Administração de Edições, 1986.

LEMOS, Silbert dos Santos. *Sangue no 311*. Rio de Janeiro: Reper, 1967.

\_\_\_\_\_. *Os donos da cidade*. Duque de Caxias: Caxias Recortes, 1980.

\_\_\_\_\_. *O negro Sabará*. São João de Meriti: Destaque, 1977.

MARCÍLIO, Pedro. *Barboza Leite no rastro dos impressionistas*. Cordel. Duque de Caxias: [s.n.], s/d.

NORA, P. Entre memória e história: o problema dos lugares. Trad.: Yara Khoury. *Projeto História: Revista do PEPGH/PUC*. São Paulo: PUC, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 22-23.

SOUZA, Marlúcia Santos de. *Escavando o passado da cidade*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014.

TORRES, Rogério. *Caxias de antigamente*. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2015.

\_\_\_\_\_. Santos Lemos: um santo que fumou, bebeu e escreveu. *Revista Pilares da História*. Duque de Caxias: IHCMD; ASAMIH, 2011.